

A Espiritualidade Inaciana como “*princípio e fundamento*” da missão educativa na Companhia de Jesus

Adroaldo Palaoro S.J.

Partimos de um **pressuposto** que é o fundamento de todo o processo educativo: “***a dimensão espiritual é parte constituinte e essencial do ser humano***”

No entanto, a educação, de maneira geral, prescindiu desta dimensão e nenhum currículo o incorpora. Fala-se, por exemplo, de ***educação integral***, de toda a pessoa, e, no entanto, elabora-se currículos escolares nos quais jamais aparece o desenvolvimento pedagógico da dimensão espiritual, cabendo às religiões assumirem a responsabilidade de desenvolvê-la (pastoral, catequese, ensino religioso...).

É claro que não se pode confundir “***dimensão espiritual***” com “***religião***”.

A **espiritualidade** é uma das fontes primordiais, de inspiração do novo, de esperança alvissareira, de geração de um sentido pleno e de capacidade de auto-transcendência do ser humano. Todo ser humano tem uma **espiritualidade** que o acompanha e se faz visível no seu modo de ser, de sentir, de agir, de se relacionar... e que o sustenta diante dos desafios da vida. **Espiritualidade** tem a ver com o “sentido” que descobrimos na vida, nos fatos, nas situações cotidianas com as quais lidamos. É um modo de “ler”, refletir, interpretar e responder às questões profundas de nossa existência. Ela dá cor à nossa visão, música à nossa audição, sentido à nossa fala, expressão ao nosso corpo...

Essa **dimensão espiritual** se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental.

A partir da **espiritualidade** tudo se transfigura, tudo tem sentido, tudo vem carregado de veneração e sacralidade. Ativar a **dimensão espiritual** é desenvolver a nossa capacidade de contemplação, de compaixão, de assombro, escuta das mensagens e dos valores presentes no mundo à nossa volta.

A **Espiritualidade** aparece precisamente como ***experiência humana*** por excelência. **Espiritualidade** é a nossa dimensão divina em tudo que é humano.

É preciso resgatar, nos projetos de Reforma Educativa e nos programas curriculares, a força, a beleza e a fecundidade da **dimensão espiritual** de todo ser humano. Conseguir que a **dimensão espiritual** seja de fato e operativamente reconhecida pelos investigadores e profissionais da educação é uma tarefa urgente.

Neste contexto, tem todo sentido inspirar a **educação** numa **espiritualidade** humanizadora, encarnada, criativa, dinâmica... como a **espiritualidade inaciana**.

A Pedagogia Inaciana tem argumentos históricos e argumentos intrínsecos para inspirar-se na Espiritualidade de S. Inácio de Loyola. Mais ainda, como colaboradores nas obras educativas da Companhia de Jesus temos, como desafio, a responsabilidade e a coerência de promover uma educação holística, inspirada na proposta do Mestre dos mestres, Jesus de Nazaré.

Para S. Inácio o **conhecimento** não é o objetivo, é uma estratégia. Com ele a pessoa se conhece e reconhece a si mesma, conhece a Cristo, conhece os dons de Deus e tem acesso a Deus; por meio desse conhecimento inspirado pelo Espírito chega-se à sabedoria e ao amor, reforma-se a vida, dando-lhe uma qualidade, situando-a em suas verdadeiras coordenadas e revitalizando-a até a plenitude.

Mais ainda, tal **conhecimento** é fruto de **complexas** atividades mentais, intelectuais e espirituais estrategicamente orientadas e processadas.

O **conhecimento** profundamente espiritual é um dom de Deus que às vezes se manifesta como dom de conselho, ou dom de ciência, ou dom de entendimento, ou dom de sabedoria.

Aquilo que S. Inácio nos propõe nos Exercícios Espirituais é impressionantemente rico e atual para o campo da educação, sobretudo por nos ensinar a desenvolver integradamente os chamados **“três olhos do conhecimento”**: o “olho dos sentidos”, o “olho da razão” e o “olho do espírito” (Ken Wilber).

Quais são as “intuições” presentes na experiência dos Exercícios Espirituais e que deveriam se constituir como fonte inspiradora no campo da pedagogia educativa?

- a. A experiência dos Exercícios nos capacita a **olhar** (contemplar) a realidade em sua **globalidade**.

Inácio foi um homem de grandes perspectivas: atraía-lhe a contemplação das estrelas, a vastidão do espaço que refletia a universalidade, o amor de Deus que abarca a totalidade. Tudo quanto existe despertava a sua curiosidade insaciável: os olhos de seus sentidos, os olhos de sua imaginação, os olhos de sua mente e os olhos de seu espírito se abriam e se encantavam diante de toda a realidade existente, incluindo tudo para tudo contemplar.

Nesse sentido, é característico de S. Inácio, de sua pedagogia e de sua metodologia, uma visão radicalmente **cósmica**: nos Exercícios ele conduz o exercitante a se situar no contexto do universo (*“todas as coisas criadas sobre a face da terra”*), para fazê-lo tomar consciência de sua responsabilidade no mundo e diante do plano de Deus; ao mesmo tempo ele nos ensina a considerar o ser humano e seus processos interiores sempre em sua história, em

seu contexto imediato e na globalidade de tudo o que existe, incluindo os cenários do transcendente e do divino. Trata-se de uma experiência integrada na **comunidade universal**.

Nada e nem ninguém está só; o ser humano, desde o “Princípio e Fundamento” dos Exercícios, é visto na complexidade e na unidade de toda a Criação. Também na “Contemplação para alcançar amor” o exercitante se vê envolvido pela história da contínua criação, pela história da salvação, pela história particular do amor, refletida em sua vida com todos os dons recebidos e por todos os bens da natureza oferecidos como sinais, pegadas e dons para crescer no amor.

Esta **cosmovisão do amor** que plenifica tudo, abarca o próprio Deus, a quem Inácio vê presente em todas as criaturas e “trabalhando” por nós.

Esta visão global está claramente presente na contemplação da **Encarnação**, onde, a partir do olhar da Trindade, Inácio leva o exercitante a contemplar a casa de Nazaré, onde está Maria, e a situação polifacética do mundo e de seus habitantes, com seus dramas e necessitada de redenção.

- b. S. Inácio, nos Exercícios, sem abandonar sua visão teocêntrica do mundo, começa situando a **pessoa humana** em seu centro de atenção. O “princípio e fundamento” de toda a experiência é o **ser humano** “em situação”, procurando orientar sua vida para Deus e libertando-se de tudo aquilo que pode dificultar este movimento de vida para o Senhor. Os Exercícios partem do **ser humano**: “o ser humano é criado para...”

Por isso, os Exercícios põem em movimento todas as dimensões do ser humano: corpo e espírito, sentimento e inteligência, imaginação e reflexão, memória, entendimento e vontade... Todas as capacidades humanas se mobilizam para chegar a suscitar os afetos, a tocar o coração, onde todas as vivências se unificam e a pessoa recupera uma força e dinamismos eficazes.

Os Exercícios Espirituais visam um só objetivo: ajudar o exercitante a, diante de Deus, tomar a própria vida nas mãos e tornar-se mais **humano**. Por isso, ele é colocado em condições de construir-se a si mesmo, ampliar seus horizontes estreitos e optar por ser um eterno peregrino. E esta trajetória, na realização de sua **humanização**, não tem fim, pois os Exercícios despertam o contínuo dinamismo do crescimento integral, o seu amadurecimento e o seu comprometimento num mundo e numa sociedade onde impera a desumanização.

É nesse contexto de profunda **desumanização** que os Exercícios Espirituais revelam sua atualidade e sua força transformadora. Centrado na pessoa, o processo dos Exercícios mobiliza e reordena todas as suas dimensões e propõe um caminho de plena **humanização**. Ele desafia cada um a assumir o potencial humano criativo que está latente em seu interior.

E a mística inaciana é essencialmente **“humanista”**, pois nada do que é **“humano”** lhe é estranho.

*“A arte de olhar a humanidade à maneira de Inácio, é reflexo da bondade, benignidade, simpatia de Deus pelo ser humano. É daqui também onde brota o reconhecido **humanismo** como característica da espiritualidade inaciana: uma visão completa e amável do ser humano, de seus problemas e vicissitudes, uma sensibilidade para todo valor humano e um grande interesse em promover o ser humano enquanto tal, consciente de que isso forma parte da Redenção que se iniciou com a vinda do Verbo”* (I. Iglesias, sj).

- c. Esta visão global da pessoa imersa na realidade dá atenção especial às **relações** de todos os protagonistas deste cenário universal e transcendente. Inácio, com sua pedagogia, ensina a ver a **“complexidade relacional”** de tudo o que existe já desde o Princípio e Fundamento, ou seja, o ser humano relacionado com Deus, com a missão e o sentido de sua vida, com “todas as outras coisas” e com os outros.

Não há partes isoladas e nem seres simples. Tudo está religado, interativo e é complexo. A segmentação da realidade para conhecê-la mais profundamente desvirtuou a qualidade da experiência e, portanto, do conhecimento, porque nenhuma parte da realidade se explica e se justifica por si mesma. A física subatômica nos obrigou a ver de outra maneira e a entender que efetivamente nada é simples, **tudo é complexo** e tudo está relacionado, interligado.

Essas relações serão a manifestação iluminadora do **amor** e o convite ao amor na “Contemplação para alcançar amor”: agora são relações de comunicação entre as partes que tendem para a unidade, por força do amor, no amor e para o amor.

E o mais interessante é que não se trata de relações passivas, estáticas; trata-se de relações nas obras, na interação, dinamizadas pela energia do Espírito que além de luz são fecundas e transformadoras.

Não se trata de contemplar passivamente a complexidade das relações e sua beleza; trata-se de um novo modo de ver, conhecer e estar presente no mundo e no cosmos, de ser em relação, em comum ação, para a integração e unidade.

- d. Na experiência dos Exercícios nada é simples, nem mesmo as reações íntimas de emoções, sentimentos e desejos. Para Inácio, nosso **mundo interior** é um cenário cheio de atividade, campo de batalha de muitos “espíritos”, espaço de confrontação de evidentes e ocultas tendências, de desejos finos, grossos e fortes, conscientes e inconscientes. A complexidade das **lutas interiores** é desvelada pela visão aguçada que Inácio proporciona ao exercitante. Uma visão mobilizada para descobrir os indicadores de **moções** e **movimentos interiores** que procedem dos “vários espíritos”.

É próprio do ser humano mergulhar e experimentar sua **interioridade-profundidade**. Auscultando a si mesmo, percebe que brotam de seu “eu profundo” apelos de compaixão, de amorização e de identificação com os outros e com o grande Outro (Deus). Dá-se conta de uma Presença que sempre o acompanha, de um Centro ao redor do qual se organiza a vida interior e a partir do qual se elaboram os grandes sonhos e as significações últimas da vida. Ali é o lugar das “beatitudes originais”, das reservas de riquezas, dos dons originais...

“O que sacia e satisfaz nosso interior”, ou seja, o que realmente importa no esforço de fazer-se humano não é uma grande quantidade de superficiais retalhos de conhecimento senão uma profunda compreensão e apreço por tudo aquilo que é importante e essencial.

- e. A ativação de todos os **sentidos** (internos e externos), durante o processo dos Exercícios, enriquece a experiência e torna a pessoa muito mais intuitiva e criativa. Com freqüência, S. Inácio coloca o exercitante em condições de pensamento criativo, ativando sobretudo o **hemisfério direito** do cérebro. Todas as contemplações e parábolas inacianas (Reino, Bandeiras, Binários...) mobilizam o exercitante para que “re-construa”, criativa e pessoalmente, o contexto dos fatos com a máxima aproximação possível da verdade.

E uma vez imerso no cenário com seus protagonistas, a inspiração do Espírito com a capacidade criativa do próprio exercitante criam juntos os fluxos de comunicação, a observação ativa e passiva e a criação de uma nova maneira de entender-se e de entender o mundo e a sua missão dentro dele.

Essa criatividade íntima pode chegar a níveis originais com a metodologia dos exercícios da “aplicação de sentidos”. As idéias, os sentimentos, as intuições... adquirem nova luz, se revitalizam e penetram em todo o ser do exercitante. O contemplado é re-criado originalmente e se faz vivência e experiência inédita e inefável com os sentidos interiores.

- f. O otimismo de Inácio não é ingênuo, é crítico. Por isso, os Exercícios incorporam uma **atitude crítica** para poder chegar ao autêntico conhecimento da verdade, sobretudo da verdadeira Vontade de Deus, que é o objetivo prioritário e o sentido de nossa vida.

Em um mundo visto globalmente, submergidos na complexidade da realidade e em nossa própria complexidade de interior, para evitar a confusão, o engano, a desorientação, os erros de percepção, interpretação, conceitualização e juízo, é necessário contar com elementos **críticos** para assegurar que alcancemos a verdade e a “vida verdadeira”.

A **atitude crítica** está inspirada na insistência de Inácio para observar, “examinar”, avaliar constantemente o que vivenciamos e o que fazemos, inclusive em tempos e espaços tão naturalmente bons como os tempos de oração. Inácio nos ensina a observar atentamente “o discurso dos pensamentos”, a discernir não só idéias e sentimentos, mas o “espírito” que nos move e suas manifestações características, a conhecer e identificar a existência e os movimentos do Espírito Santo que atua em nós.

O mais profundo da atitude crítica está desenvolvido por Inácio nas regras e recomendações que dá para o **“discernimento de espíritos”**, especialmente quando estão em jogo as decisões fundamentais de orientação da vida.

- g. Quem se sente profundamente amado e quer servir não pode contentar-se com pouco. A experiência dos Exercícios desperta no exercitante o senso da gratidão e da generosidade.

Precisamente porque percebeu sua vida como um presente, volta-se para Deus entregando-lhe *“tudo o que tem e possui”*. Isso unido ao sentido de lealdade e amizade o leva a rejeitar todo tipo de mediocridade na entrega e no serviço. Na expressão inaciana isso se chama **“magis”**, que imprime um dinamismo formidável a tudo o que se empreende. Marcado pela gratidão, a pessoa deseja sempre fazer o melhor.

O **“mais”** de Santo Inácio é fruto de um amor apaixonado e está muito ligado à capacidade de sonhar grandes coisas.

- h. Movido pelo desejo do **“magis”** e do **“maior serviço”** brota no exercitante um dinamismo que o leva a estar sempre em **busca**, com um coração inquieto. O discernimento é um modo de buscar para servir melhor.

Quem discerne é um eterno e honrado buscador. Discernir é saber indagar e saber buscar, em meio às mudanças, a vontade de Deus.

Inácio viveu numa época e num mundo de profundas mudanças e rupturas; sentiu-se atravessado por uma insaciável busca, porque as coisas não estavam prontas. Por isso sua espiritualidade é uma **“espiritualidade de busca”**.

A expressão **“buscar”** aparece 24 vezes nos Exercícios. No interior do exercitante é aguçada a dinâmica da **busca**, ou seja, a atitude existencial permanente, uma inquietude latente que o faz peregrino do sentido. Tão fundamental como é o respirar, toda pessoa precisa assumir sua condição de navegadora do infinito.

Quem busca inventa, constrói, cria, desperta a curiosidade...; o ser humano não se contenta em ser mero repetidor: busca respostas diferentes, experiências novas...; há algo dentro dele que o impulsiona a ir sempre além. Porque busca, é capaz de renúncia, luta, empenho... Por isso, **buscar** torna-se hábito de vida.

- i. A experiência pessoal dos Exercícios é, ao mesmo tempo, individual e acompanhada; ou seja, realiza-se com a ajuda da pessoa *“que dá exercícios”*, que faz o papel de guia da marcha. A experiência do **acompanha-mento** tem sua inspiração e fonte na *“cura personalis”*, ou seja, uma experiência profundamente humana de proximidade, de conhecimento, de intercâmbio, de ternura, de acolhida, de compreensão.

Entende-se **“acompanhar”** como o estar-com-o-outro, situar-se ao lado dele como companheiro de caminhada, estabelecendo relações profundas de diálogo e amizade,

relações de companhia que permitam crescer e compartilhar reciprocamente, sem que cada um deixe de ser o que é.

Uma relação de **“companhia”** é a que permite ao outro um espaço para expressar-se tal e como ele é, sentindo-se livre, escutado, compreendido... facilitando-o no processo de confrontar-se, aceitar-se e superar-se. O **acompanhamento** implica criar espaço de autonomia, de autoria do próprio processo, sem cair nos paternalismos ou maternalismos que criam dependências e infantilismos.

O **companheiro-guia** não procura comunicar um “saber”. Ele busca somente favorecer um ambiente e, através de uma presença instigadora e acolhedora, possibilita o crescimento do outro.

O **acompanhamento** sempre será um cuidado para com a pessoa do outro; a tarefa do acompanhante é ajudar essa pessoa a enfrentar-se, preparando-a, animando-a, ajudando-a a construir o seu caminho.

Por isso, a **“pessoa que dá exercícios”** só acompanha, já que de nenhuma maneira substitui a atividade e a experiência plenamente pessoal do exercitante e menos ainda a iniciativa do Espírito **“que sopra onde quer”**.

A **“pessoa que dá exercícios”** não deve impor seu ritmo e, muito menos, suas idéias, suas opções, mas deve adaptar-se ao exercitante. Trata-se, pois, de uma tarefa importante e delicada, mas também muito modesta, já que deve permanecer sempre subordinado à realidade do exercitante e à primazia da ação divina.

O meio para realizar este acompanhamento é o **diálogo**, onde se conjugam a transparência do exercitante, o sincero respeito das duas liberdades, a colaboração simples e generosa do acompanhante...

- j. O **acompanhante**, ao longo do percurso dos Exercícios, revela-se como uma “presença instigante”, ou seja, com suas **“perguntas”** ajuda o exercitante a des-velar e aprofundar sua experiência, a descrever seus “estados de ânimo”, a vislumbrar sua “eleição”...

A competência do acompanhante não consiste em comunicar uma doutrina, uma teologia, uma moral... nem oferecer “respostas prontas”, mas em ser “pro-vocador” das grandes questões existenciais e desafiadoras dirigidas ao exercitante, possibilitando-o acesso às reservas interiores de criatividade e imaginação.

Mais ainda: a presença “pro-vocativa” do acompanhante reacende no exercitante este atributo tão humano, que é a capacidade de **questionar-se** para buscar um sentido para a própria existência. As **perguntas** feitas pelo próprio exercitante o colocam em contínua busca, sintetizada na expressão inaciana **“buscar e encontrar a Vontade de Deus”**. São perguntas que o abrem para o futuro, para o novo, para uma decisão...

A **pergunta** é movimento, é vida... e suscita resposta viva, criativa, surpreendente... e inesgotável.

De fato, habitamos nas **perguntas**. Viver à escuta das interrogações nos mantém despertos no caminho.

São as **perguntas** que suscitam em nós o assombro frente à realidade interior e à riqueza da realidade exterior, exigindo-nos assim viver continuamente numa atitude de escuta. Com as **perguntas** fazemos história, e a história é abertura para a aventura. *“Perguntar é aventurar-se”*.

A mediocridade das **respostas** formatadas, paralisam e fecham as portas às novas possibilidades. As **perguntas**, ao contrário, são o fio de ouro em meio ao cascalho que mobilizam o garimpeiro a buscar sem cansar. As **respostas** cortam o movimento, atrofiam a curiosidade, matam a criatividade e o espírito de aventura; elas impedem a mobilização dos recursos interiores da pessoa na construção de seu projeto de vida, levando-a à apatia e à acomodação.

Questionar-se é provocar a interioridade e descobrir-se na interioridade, reafirmando-se na própria identidade. Questionar-se é ser profundo, é tocar a intimidade mais sagrada de si mesmo, é captar a efervescência criativa da existência.

Por isso, **questionar-se** é reconhecer-se como pessoa profunda e não superficial; inquietar-se é sair do imobilismo tradicional para assumir o potencial humano criativo.

Questionar-se é um gesto ousado para despertar o sentido da vida pessoal, para buscar um objetivo mais sério, é ser mais humano. Quando a pessoa não se questiona, é porque prefere o desânimo, a acomodação.

O ser humano deve **perguntar-se** sempre a respeito da vida, da missão do futuro,... Por isso, interrogar-se é possuir sabedoria, ciência, arte, ética.

- k. Como fruto da experiência dos Exercícios, brota no exercitante uma força interior que o arranca da acomodação e o coloca em continuo movimento na direção dos outros; depois de realizar um profundo processo de mudança pessoal, o exercitante sente o despertar de um chamado a comprometer-se com a realidade e a transformá-la; um sentido de responsabilidade e solidariedade se amplia; *“seu coração se veste de mundo”*, se universaliza e se dilata de tal maneira que sente compaixão e se compromete com a causa dos pobres e dos excluídos.

A partir do momento em que Deus invade suas **fronteiras interiores** seus olhos se abrem para contemplar *“toda a grande extensão e a curvatura da terra cheia de homens”* (EE. 103), fechados em infinitudes de fronteiras (escravidões, exclusões, mortes...). **“Servir no mundo”** se

traduzirá numa necessidade interior de contemplar o ser humano em seus **“extremos”** e de se comprometer com ele, para abri-lo à **vida**.

“Ajudar as almas” passa a significar **“descer com Deus”** às fronteiras da humanidade, superando todo tipo de ideologia, de conflitos de classes, de divisão... com a preocupação de somente buscar o **bem universal**.